

***Leite derramado – Alegria triste de um país***Geisa Mueller<sup>1</sup>

RESUMO: Este estudo pretende demonstrar de que forma a caracterização de Matilde figura como alegoria da nação brasileira em *Leite derramado*, de Chico Buarque. A análise dos procedimentos narrativos será atravessada pela tônica do estatuto patriarcal, nesse sentido, as obras *Retrato do Brasil*, *Raízes do Brasil* e *Grande sertão: veredas* serão utilizadas como fontes que possibilitam destacar modos de subjetividade vigentes no passado, mas que, ainda hoje, afetam nossa organização social.

ABSTRACT: This study aims to demonstrate how the characterization of Matilde may stand for an allegory of the Brazilian nation in *Leite derramado*, by Chico Buarque. The analysis of narrative procedures investigates the patriarchal status in the novel. The analysis is based on the critical perspective presented in *Retrato do Brasil*, *Raízes do Brasil* and *Grande sertão: veredas*, highlights of the past modes of subjectivity which still affect, however, our social organization.

PALAVRAS-CHAVE: Estatuto patriarcal; Narrador; Ordem social

KEYWORDS: Patriarchal status; Narrator; Brazilian social organization

“Nação mestiça! Esta sentença paira como um desafio constante à sociedade brasileira.”<sup>2</sup>

**Introdução**

*Leite derramado* traz à tona o universo patriarcal e escravocrata, reescrito pelas memórias de Eulálio d’Assumpção. Na enfermaria de um hospital, o homem centenário narra os eventos de sua vida, acoplada à

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), título da pesquisa: Escritura inventiva em José de Alencar: acumulação e releitura da tradição interna da literatura brasileira. Contato: geisamueller@gmail.com

<sup>2</sup> PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

tradição senhorial de sua família, tendo como suposta interlocutora uma enfermeira. Outras vezes, Maria Eulália, o único fruto resultante do matrimônio entre Eulálio e Matilde, a única da família que sobrevive ao longo narrador, também desempenha a função de ouvinte.

O narrador-protagonista, ao declarar que seu “pensamento em Matilde tinha formas vagas, era pensar num país e não numa cidade” (BUARQUE, 2009, p. 136), permite inferir que essa personagem figura no enredo como alegoria da nação brasileira. Sob tal aspecto, Matilde é emblema de uma terra portentosa e exuberante, mas triste, razão pela qual a caracterização da personagem nos remete ao capítulo inaugural de *Retrato do Brasil*, em que Paulo Prado aponta a luxúria e a cobiça, motivações que dominaram a psicologia da descoberta:

Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram. O esplêndido dinamismo dessa gente rude obedecia a dois grandes impulsos que dominam toda a psicologia da descoberta e nunca foram geradores de alegria: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar. (PRADO, 1997, p. 53)

Sob a perspectiva patriarcalista do narrador, a trajetória de Matilde será pautada na sensualidade livre e infrene destacada por Paulo Prado, estigma tatuado na pele “quase castanha” da personagem, a encarnar o intercuro racial ocorrido na colonização do Brasil, motivo pelo qual figura Matilde como efígie da mestiçagem e das características pitorescas que o olhar estrangeiro atribui ao país. Conceito de exotismo compartilhado por nós e que, ainda hoje, afeta nossa vida social. Hóstia que ainda comungamos na missa celebrada pelo descobridor. Paire sobre a pele bastarda da personagem a maldição não lançada, mas descrita por Capistrano de Abreu, que diz ser estranho uma terra tão vasta e rica ser berço de tristes indivíduos<sup>3</sup>. Esse langor matricial é um

---

<sup>3</sup> O capítulo inaugural de *Retrato do Brasil* é precedido por um fragmento da correspondência de Capistrano de Abreu, em que o jaburu é anunciado como a estampa do Brasil: “[...] Tem estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas, e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera,

vêu que cobre os eventos ficcionais através do verbo de uma árvore genealógica de Eulálios. Guardiã de um chicote de correia trançada de antilope com uma flor-de-lis no cabo, a família Assumpção é o retrato em preto e branco de um legado social em que, segundo Sérgio Buarque de Holanda, predominam “sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família” (HOLANDA, 1995, p. 82).

### **O narrador**

O narrador de *Leite derramado* dialoga com os narradores de *Dom Casmurro* e *Grande sertão: veredas*. A característica mais óbvia é a utilização do discurso memorialista, todos eles narram suas lembranças em primeira pessoa, portanto, podem manipulá-las de acordo com suas conveniências. Riobaldo e Eulálio podem ser aproximados no que diz respeito à estratégia da narratividade, da oralidade posta como moldura para o solilóquio, também, pelo modo insidioso como organizam os eventos ficcionais. Quando Eulálio afirmar ser a “memória uma vasta ferida” (BUARQUE, p. 10), refere-se à bancarrota familiar e matrimonial, contudo, sub-repticiamente, o espaço interior do narrador desvela uma chaga de ordem social. O falido ancião aristocrata, assim como o jagunço aposentado e proprietário, não se preocupa em dispor os acontecimentos numa ordem cronológica, indo e voltando no arcabouço memorial segundo a vontade e a necessidade subjetiva da personagem. Nesse sentido, Riobaldo se auto-ironiza ao dizer para o doutor que não sabe contar: “Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo [...]” (ROSA, 1986, p. 82). Na expressão “quase tudo”, o narrador de *Grande sertão: veredas* reserva o homoerotismo que permeia sua relação com Diadorim, segredo bem guardado que será posto a nu após a batalha final entre as facções de Riobaldo e

---

apagada e vil tristeza” (PRADO, p. 51).

Hermógenes. “Quase tudo” também nos coloca no campo do interdito, traço elemental compartilhado pelo narrador de Buarque, visto que devemos atentar para o que ele nega, principalmente para os desvios que a narrativa de Eulálio instaura. Dessa forma, percebe-se a maturidade artística do autor em relação aos romances anteriores, pois a estratégia da narratividade em *Leite derramado* cria espaços para que o leitor construa o que está oculto.

O contexto hospitalar de Eulálio e sua condição de centenário favorecem a instauração de desvios na narrativa, pois são informações responsáveis por imbricar os diversos tempos e espaços habitados pelo narrador, gerando no leitor, a dúvida, pois, muitas vezes, temos a impressão, apesar de não termos a certeza, de que todo o discurso do narrador não passa de puro delírio, de um profícuo sonho em preto e branco proporcionado pela morfina. Mas sua linguagem, a coesão de sua exposição e a minudência com que recorda fatos, nomes e eventos históricos, trazendo no bojo a trajetória política do Brasil, faz-nos lembrar a saliência narrativa de Riobaldo, que, por sua vez, delineia o patronato da violência erigido pelo estatuto patriarcal<sup>4</sup>.

O enredo de *Leite derramado* é pejado de marcas textuais que ressaltam o domínio que o narrador tem sobre sua narração e o pleno despojamento em anunciar o jogo de idas e voltas; por exemplo, antes do momento da queda que o leva à internação, no cafofo em que por último se instalaram pai e filha, ao recordar, pela ação de um banho, o

---

<sup>4</sup> No romance *Til* pode-se vislumbrar os jagunços de Rosa na personagem João Fera, destarte, o narrador alencariano alerta sobre o destino de muitos homens livres que não eram proprietários: “Chamado, pago e protegido por homens poderosos para escoltá-los em aventuras, e servir às suas paixões, o Bugre recebeu a iniciativa e a animação que iam acostumando seu braço a ferir e a repousar depois de um crime, como se tivesse praticado uma honrosa façanha, uma valentia digna de valor. Esta é com pouca diferença a história de todos os assassinos incorrigíveis, que infestam o interior do país. Eles foram educados pelos poderosos, como os dogues que se adestravam antigamente para a caça humana, dando-lhes a comer, desde pequenos, carne de índio” (ALENCAR, 1967 p. 88).

amor que fazia com Matilde (esposa) no banheiro de louças inglesas do chalé, também perpassada a memória pelo frenesi corporal ao lembrar da ereção que tivera ao ver Matilde (adolescente) tocando órgão na missa de morte do pai, o narrador já não sabe de que banho está falando e assim se pronuncia: “São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada de memória eu estava agora” (BUARQUE, p. 138).

Ambos os narradores também brincam com a onisciência que têm. Em *Grande sertão: veredas*, o aviso de que o narrador sabe do que está falando, e principalmente do que seleciona falar, vem expresso pelo saber que proporciona a experiência: “Ah, estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem...” (ROSA, p. 22). No caso de Eulálio, quando Matilde sai à noite sem nunca ter o feito sem avisá-lo:

Por isso é natural que eu parta feito um louco atrás dela, mas isso só vai acontecer daqui a pouco. É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre. (BUARQUE, p. 117)

No excerto acima, também verifica-se que Eulálio, ao narrar suas memórias, as vive simultaneamente. Sob esse aspecto, a longevidade do narrador-protagonista permite que ele vivencie ações de planos temporais passados, revivendo, através da memória, situações com pessoas já falecidas, motivo pelo qual, no início do terceiro capítulo, Eulálio alerta que para o passado tem ele “um salão cada vez mais espaçoso” (BUARQUE, p. 14). Neste sentido, Eulálio está dentro das fotografias que coleciona, sendo o espaço hospitalar o local em que aportamos na atual precariedade da personagem. No tempo presente, mesmo estando sempre nessa gangorra mnemônica, Eulálio é muito lúcido ao descrever as condições hospitalares do entorno, indicando o quadro infame da saúde que enche a pauta do noticiário veiculado na televisão que vive sempre ligada. Mas também há prolixidade em sua construção e ele, às vezes, se confunde com os acontecimentos mais

recentes, relacionados com neto, o bisneto e o tataraneto. Sob tal aspecto, o narrador centenário lembra a matriarca do livro *Cem anos de solidão*, Ursula, que também transita entre os planos presente e passado da família Buendía. Portanto, temos acesso a distintas fases de Eulálio, bem como de sua família e, nessa trajetória, acompanhamos o fim da árvore genealógica dos descendentes do conselheiro do Marquês de Pombal, ao mesmo tempo, a apoteose da violência, do preconceito e da indiferença engendrada, desde a colonização, por uma cultura extrativista, baseada numa economia agrária alimentada pela força do trabalho escravo.

### **A caracterização de Matilde**

Matilde abandona o lar. A motivação da personagem para justificar a prática de tal ação é ambígua. Há o depoimento do médico induzindo a crer que o motivo seria uma tuberculose, doença que a impediria de amamentar e cuidar de Maria Eulália. Aliás, o nome do doutor, Blaubaum, não é de se levar o sujeito a sério, visto que indica a sonoridade: blá blá. As frinchas de uma traição, pouco antes do sumiço da esposa, explodem na narrativa de Eulálio, nesse sentido, percebe-se um vínculo com a obra de Machado de Assis, pois assim como Bentinho, Eulálio julga o comportamento de sua esposa pelo filtro do ciúme. A hipotética traição destila preconceitos arraigados na mentalidade de uma sociedade que foi edificada sobre a impunidade do abuso sexual e da violência contra indivíduos menos favorecidos. A primeira informação que temos de Matilde, quando o narrador nos diz que não tem preconceito de cor, permanece como uma espécie de refrão que possibilita a retomada do motivo para reelaborá-lo com variação de informações, por exemplo:

[...] Nisso não puxei a meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para

Matilde, de saída, me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa de meu pai. (BUARQUE, p. 20);

[...] Não sei quem abastecia minha filha com tantas maledicências, Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena. (BUARQUE, p. 149)

No decorrer do enredo, se ainda não tivéssemos atentado para a curiosa expressão que o narrador utiliza para definir a cor de Matilde, saberemos que Eulálio é preconceituoso e que a desconfiança do adultério desemboca no ilustrativo comportamento do pátrio poder no qual se educou<sup>5</sup>. No oitavo capítulo, ao memorar a cena em que Matilde dança com o francês, Eulálio declara outra opinião sobre a mulher, dando notícia da vulgaridade com que se entregou à dança, executando organicamente o ritmo dos negros. A brasilidade vira-lata de Matilde será sempre um mote para a depreciação de sua personalidade, inclusive, é ela uma bastarda, fruto de uma escapadela que o pai dera na Bahia, e fora criada não pela mãe, mas pela esposa de seu pai. Eulálio, para afirmar a tranquila consciência em relação ao preconceito, desloca um julgamento seu para a conta de Dubosc:

[...] O casal se entendia à perfeição, mas logo distingui o que nele foi ensinado do que era nela natural. O francês, muito alto, era um boneco de varas, jogando com uma boneca de pano. Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinos, e notei que todo cabaré se extasiava com a sua exibição. Todavia,

---

<sup>5</sup> Em *Casa-grande e senzala*, Gilberto Freyre assevera que não é o preconceito de cor o responsável pela violência dos senhores, mas a condição de mercadoria imputada ao negro: “A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Expressiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio.” (FREYRE, 1984, P. 379)

olhando bem, eram pessoas vestidas, ornadas, pintadas com deselegância, e foi me parecendo que também em Matilde, em seus movimentos de ombros e quadris, havia excessos. A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. [...] Fatigado estava ele, que pediu carona até seu hotel a duas quadras, e se recolheu sem se despedir direito, nem sequer beijou a mão de Matilde. Talvez tenha concluído, ao longo da noite, que ela era mulher para dançar maxixe, e não de beijar a mão. (BUARQUE, p. 66)

No final do mesmo capítulo, ao chegarem em casa, a descrição da relação sexual que se dá entre marido e mulher é símile de uma ação senhorial corriqueira, o estupro das escravas:

Eu seguia Matilde, que falava sozinha, que meio cantarolando perguntava pelo chá de boldo, e de repente não sei o que me deu, agarrei-a com violência pelas costas. Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir gemidos nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava com os meus joelhos atrás dos seus. E com meu tronco eu a apertava, eu a espremia a valer, eu quase a esmagava na parede, até que Matilde disse, eu vou, e seu corpo tremeu inteiro, levando o meu a tremer junto. (BUARQUE, p. 66)

Há outros momentos em que o narrador julga a índole da mulher, ou seu caráter de mercadoria, como se o que está sendo dito por ele fosse o pensamento que o francês fizesse dela. Sim, fazendo uma generalização, é sabido que as brasileiras, principalmente as mulatas, são produtos de exportação que satisfazem os estrangeiros assim como os satisfazem a caipirinha. Há o ranço do proprietário codificado na fala de Eulálio, visto que o narrador, quando os estrangeiros passam a frequentar a casa do casal, sente vergonha dos modos da mulher à mesa, de sua abstinência intelectual, de seu francês mal pronunciado. Enfim, a dona da casa é posta na condição de desterrada por causa de uma trupe de estrangeiros que invade a residência a qualquer momento, que não limpa os pés quando volta da praia e sorve litros de batidinha de limão. Ora, pensando na obra *Raízes do Brasil*, Eulálio é o

“homem cordial”<sup>6</sup> e Matilde é a desterrada em sua terra, ou melhor, em sua própria casa.

Além da semelhança de foco narrativo entre *Dom Casmurro* e *Leite derramado*, a obra de Machado de Assis também interessa por uma passagem que tem relação com a possibilidade de simbiose de Matilde com o Brasil; o fragmento selecionado mostra Bentinho admirado por causa da amamentação do filho:

Capitu não era menos terna para ele e para mim. Dávamos as mãos um ao outro, e, quando olhávamos para o nosso filho, conversávamos de nós, de nosso passado e de nosso futuro. As horas de maior encanto e mistério eram as da amamentação. Quando eu via o meu filho chupando o leite da mãe, e toda aquela união da natureza para a nutrição de um ser que não fora nada, mas que o nosso destino afirmou que seria, e a nossa constância e o nosso amor fizeram que chegasse a ser, ficava que não sei dizer nem digo; positivamente não me lembra, e receio que o que dissesse me saísse escuro. (ASSIS, 2008, p. 254)

O trecho de *Dom Casmurro* será justaposto às informações que o narrador de *Leite derramado* fornece da esposa lactante:

O leite de Matilde era exuberante, agora mesmo ela encheu duas mamadeiras antes de dar o peito à criança. Eu gostava de vê-la amamentar, e quando ela trocava a criança de peito, às vezes me deixava bicar no mamilo livre [...]. (BUARQUE, p. 85)

Se pensarmos na menção que Bentinho faz, da amamentação como um aspecto ligado à natureza com o objetivo de nutrir uma vida, uma existência familiar, parece-nos possível deduzir que o exuberante Brasil, assim como o exuberante leite de Matilde, detém os nutrientes necessários para prover seu povo. Porém, na obra de Chico Buarque, temos o contraste, leitura analógica à imagem do jaburu suscitada por

---

<sup>6</sup> “[...] A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal” (HOLANDA, p. 146).

Capistrano de Abreu. Desta feita, toda a riqueza e exuberância de nosso país são marcadas pela longevidade da ordem escravocrata e, como bem demonstrou Sérgio Buarque, pelos tentáculos que a mentalidade paternalista crivou na estrutura social brasileira.

Matilde diz que seu leite secou e não amamenta mais Maria Eulália, contudo, vaza leite no vestido dela<sup>7</sup>.

### **Considerações finais**

Ao invés do pai, Maria Eulália é que fica caduca, já não sabendo o que disse na véspera e tendo como lance último a conversão para a peste religiosa dessas igrejas que se instalam em antigos cinemas ou teatros e nas quais os pastores gastam oratória em alto volume – o novo modo da relação suserano e vassalo. É ela a responsável pela última cartada que favorece a ambiguidade do adultério. O suspeito Eulálio, apontando a memória remota prodigiosa da filha, conta que a ouviu dizer sobre o “homem que, no meio da noite, vinha disputar com ela o peito de Matilde” (BUARQUE, p. 193). Maria Eulália mereceria um capítulo à parte. Mas podemos dizer dela, assim como de Moacir e de Ezequiel, rebentos da história literária brasileira, que são filhos de mães

---

<sup>7</sup> Como já sabido, o Romantismo foi um movimento que buscou apagar a questão do intercuro racial da matriz africana constitutiva da nação brasileira, tendo Alencar criado, na escritura de *Iracema*, um mito de origem calcado na matriz autóctone, sob esse aspecto, Buarque joga com essa verve romântica quando coloca na fala de Eulálio a desculpa para a pele “quase castanha” de Matilde. Contudo, mesmo que Alencar sustente a face conservadora do movimento, é curioso notar como, em *O sertanejo*, o narrador tange a denúncia implícita em *Leite derramado*, pois o atraso apontado no fragmento a seguir se deve ao descaso governamental impetrado pelo sistema econômico extrativista colonial: “O narrador desta singela história teve em sua infância a ocasião de ver na Fazenda da Quixaba, próxima a serra do Araripe, esse aluvião de leite, na máxima parte desaproveitado pelo atraso da indústria, e que podia constituir um importante comércio para a província” (ALENCAR, p. 248).

que sumiram, ou morreram, ou partiram para o exílio. Filhos de uma terra em que a alegria é triste.

Somos os herdeiros deles, nosso legado é uma sociedade que adora samba e futebol, mas desdenha os negros e continua a matá-los. Cúmplices de uma nação em que o assalto ocorre dentro da própria delegacia, em que a mãe vê o filho morrer espancado na sua frente e não pode chamar a polícia porque os agressores pertencem à própria corporação.

Ao criar o narrador de *Leite Derramado*, Chico Buarque atualiza a brutalidade herdada do paternalismo ruralista e compartilha a vasta ferida de uma memória que preferíamos não ter, mas que reflete no vidro dos nossos carros, que nos faz desviar e atravessar a rua, que nos acompanha nos órgãos públicos na forma de cabideiro de emprego para familiares. Sem dúvida, temos uma terra portentosa, seu leite, como o de Matilde, não secou, mas não nutre seus filhos, azeda derramado nos gabinetes da corrupção.

Herdeiros de uma alegria triste, esperamos pelo hexa, pelo próximo carnaval, pelo próximo livro da Xuxa.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. V.5.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 23.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.